

ARQUITETURA E PAISAGEM INDUSTRIAL: AS VILAS OPERÁRIAS NO RECIFE¹

Telma de Barros Correia²

149

Estudos Universitários

RESUMO

O trabalho trata das moradias operárias construídas por indústrias no Estado de Pernambuco, no período entre a última década do século XIX e meados do século XX, centrando-se, sobretudo, em nove vilas operárias erguidas no Recife. Assinala a relevância numérica dessas habitações no Estado, assim como as marcas profundas por elas impressas na paisagem pernambucana. Em termos de moradia, novos modelos de casas econômicas e higiênicas foram propagados. Do ponto de vista da arquitetura, esses conjuntos difundiram tipologias como os bangalôs e estilos como o *Art Déco*, o estilo Missões, a arquitetura moderna e, sobretudo, um padrão de casa econômica, higiênica e desprovida de ornatos. Geraram construções de rara qualidade como o conjunto de moradias duplex da Fábrica Tacaruna e de inusitadas características como a Casa do Industrial

¹ Parte substancial da pesquisa em campo e em arquivos que deu origem a este artigo foi realizada com o Professor Philip Gunn, a quem dedico este artigo. Nos levantamentos de campo na Vila Santa Luzia, contei com a companhia de Zuleide Brayner e Nadja Brayner, moradoras do bairro, às quais agradeço pelo auxílio essencial na identificação dos prédios remanescentes.

² Arquiteta pela UFPE, Mestra pelo MDU/UFPE, Doutora pela FAU-USP, livre-docente pela EESC-USP e docente e pesquisadora no IAU-USP, Avenida Trabalhador Sancerlense, 400, Centro São Carlos, SP. CEP: 13566-590. E-mail: tcorreia@sc.usp.br.

em Goiana. Produziram formas urbanas expressivas como a vila operária do Contonifício Othon Bezerra de Mello, enquanto Paulista, Moreno e Camaragibe converteram-se em cidades, testemunhando a ação relevante da indústria na urbanização e na transformação do território.

Palavras-chave: Vilas operárias; núcleos fabris; arquitetura; Recife.

ABSTRACT

The article deals with workers' houses built by industry in the state of Pernambuco, in the period between the last decade of the nineteenth and mid twentieth century, focusing mainly in nine workers' villages built in Recife. It deals with the numerical importance of these houses in Pernambuco, as well as with the deep marks printed by them in the landscape. In terms of housing, new models of economic and hygienic houses were propagated. In terms of architecture, they spread the bungalows and styles such as Art Deco, Mission Style, Modern Architecture and, above all, a pattern of economic and hygienic house, devoid of ornament. They led to buildings of rare quality as the Factory Tacarunas' duplex dwellings and unusual features as the house of the industrial at Goiana. Produced significant urban forms such as the Contonifício Othon workers' village, while Paulista, Moreno and Camaragibe turned into cities, witnessing the relevant action of the industry in urbanization and transformation of the territory.

Key words: workers' villages; company towns; architecture; Recife.

INDÚSTRIA E MORADIA

Em meados do século XX, as chaminés de fábricas e as vilas operárias eram — como os mocambos, as igrejas barrocas e as pontes — uma das marcas da paisagem recifense. Em diversos bairros da cidade estendiam-se, ao lado de fábricas, os conjuntos de pequenas casas semelhantes, alguns compondo longos blocos de habitações em renque, outros reunindo moradias geminadas duas a duas e eventuais

bangalôs com seus jardins. São vilas de diferentes tamanhos, cujas moradias na maioria dos casos expressam uma arquitetura despojada de referências estilísticas, vinculada ao universo fabril.

O Recife polarizou um dos principais centros industriais do Brasil no período entre as últimas décadas do século XIX e meados do século XX, que reuniu, sobretudo, fábricas têxteis e usinas de açúcar, a maioria das quais criou vilas operárias e núcleos fabris. Nessas vilas e núcleos, alguns milhares de moradias foram erguidos para serem alugados ou cedidos a empregados das empresas. Além de moradias, esses locais — especialmente os núcleos fabris no campo e as vilas operárias em bairros periféricos — costumavam ser dotados de equipamentos de uso coletivo como igreja, escola, posto de saúde, armazém de consumo e clube. Tratava-se de um procedimento que tinha como objetivo atrair e fixar o operário e impor-lhe um cotidiano favorável à produtividade do trabalho.

Esses grupos de moradias foram um momento importante da história da moradia operária, da arquitetura e da urbanização. No Recife, essas vilas se localizaram nas bordas de bairros centrais — São José e Boa Vista —, em bairros próximos ao centro — Santo Amaro, Capunga e Torre — e em bairros periféricos — Apipucos, Campo Grande e Jiquiá. A presença de grupos de moradias construídas por fábricas para seus operários foi ainda mais significativa em localidades vizinhas ao Recife, como Paulista, Camaragibe e Moreno, onde cidades se originaram de grandes núcleos fabris criados por indústrias têxteis. Núcleos fabris e vilas operárias também foram erguidos no interior do Estado, nas cidades de Igarassu, Cabo, Goiana, Pesqueira, Timbaúba, Escada e Belo Jardim.

Este artigo trata das moradias operárias construídas por indústrias no Estado de Pernambuco, no período entre a última década do século XIX e meados do século XX, centrando-se, sobretudo, em nove vilas operárias erguidas no Recife. Assinala a relevância numérica das habitações e investiga a configuração espacial desses assentamentos habitacionais mostrando como adotaram várias formas, diferentes arranjos espaciais, tipologias habitacionais e estilos arquitetônicos.

O RECIFE E SUAS VILAS OPERÁRIAS

As primeiras vilas operárias construídas no Recife surgiram na década de 1890, estabelecendo novas relações entre moradia e trabalho, difundindo novos modelos de habitação e alterando a paisagem urbana.

As margens do Rio Capibaribe, no bairro da Capunga, a Fundação Vesúvio — empresa fundada no final do século XIX — criou um pequeno conjunto de construções de linhas ecléticas, formado por fábrica, vila operária e moradia do proprietário da empresa. A vila compunha-se de 14 casas, agrupadas em uma via ao lado da fábrica. São moradias semelhantes (com uma janela e uma porta na frente), fachada ornada com elementos da linguagem clássica, implantação seguindo o padrão colonial (construções dispostas em blocos, destituídas de recuo frontal e ocupando lotes estreitos e profundos) e dimensões relativamente amplas considerando-se o padrão médio das moradias desse tipo (têm duas salas, quatro quartos, cozinha, sanitário e quintal).

A maior vila operária do Recife foi a Vila Santa Luzia, edificada no bairro da Torre pela Companhia de Fiação e Tecidos de Pernambuco S.A., fundada em 1887. Essa vila começou a ser erguida em 1890, segundo noticiou o *Diário de Pernambuco* em outubro daquele ano. Em fins da década de 1930 reunia 127 casas, além de creche, escola, cooperativa de alimentos, clínica médica e dentária, sendo mostrada pela revista *Roccas* como testemunho do interesse dos dirigentes da indústria pelo “bem-estar de seus operários” (*Roccas*, 1938, p. 16). Sua creche se originou de uma iniciativa conjunta entre a fábrica e a Liga Pernambucana Contra a Mortalidade Infantil³. A construção de moradias pela Fábrica da Torre se estendeu até a década de 1950. Em 1941 anunciava-se que a previsão era atingir 300 moradias. Em 1951, entretanto, essa previsão já havia sido superada, reunindo a vila 368 moradias. Posteriormente foram edificadas prédios de três pavimentos, casas duplex e 12 casas destinadas a gerentes. Nesse

3 A indústria construiu o prédio, enquanto a Liga forneceu o mobiliário e assumiu sua gestão, mantendo pediatra e enfermeiras (Verde, 1932).

momento, o número de habitações fornecidas pela fábrica superou 400 unidades⁴. As moradias da Vila Santa Luzia seguiam diferentes padrões — solidários com a posição do morador na empresa — e formas — de acordo com os estilos em voga à época da construção. Havia pequenas moradias de porta e janela em renque, casas geminadas duas a duas, bangalôs e amplas casas para gerentes.

Nas duas primeiras décadas do século XX, outras vilas operárias surgiram na cidade. No bairro de São José, no centro, a Companhia Têxtil de Aninhagem — fundada em 1891 — criou a partir de 1923 uma vila com cerca de 60 casas⁵, que ocupavam parte da quadra onde se localizava a fábrica e uma quadra vizinha. Sua implantação remetia ao padrão urbano colonial: eram casas de tamanhos variados, destituídas de recuos frontal e laterais e construídas em lotes estreitos e compridos⁶.

Outra vila operária surgida nesse momento foi a da Fábrica de Tecidos Tacaruna, cujo caso é singular por haver criado conjuntos de moradias com características bastante diferenciadas, edificadas ao longo de um período de mais de 50 anos nas cidades do Recife e de Olinda. Construída no limite desses municípios, a fábrica foi fundada em 1924, ocupando as instalações da Usina Beltrão, um engenho central que funcionou por alguns anos na passagem do século XIX para o XX. Entre as construções adquiridas da Usina Beltrão, constam, além dos prédios fabris, um chalé, uma residência e um grupo de 14 pequenas casas. Em fins da década de 1930, a vila operária havia sido ampliada, contando com clube, posto médico, escola e cerca de 20 casas, onde residiam o diretor, os mestres e os contramestres da seção de fiação e tecelagem. Junto a essas moradias a fábrica ergueu posteriormente mais oito casas, destinadas provavelmente a trabalhadores que ocupavam postos estratégicos

4 As moradias da fábrica se destinavam a operários de várias categorias, especialmente aqueles envolvidos em serviços que exigiam prontidão (pessoal de manutenção, guardas e motoristas). A empresa encarregava-se de fazer a manutenção das habitações pelas quais cobrava aluguel.

5 As casas eram alugadas para operários que fossem de interesse da empresa manter em constante prontidão (gerente-geral, mecânico-chefe, eletricitista, chefe de vigilância). Dentro das instalações fabris, havia refeitório e posto médico.

6 Algumas tinham sala, três quartos, cozinha e sanitário; outras tinham duas salas, três quartos, cozinha, despensa, sanitário, dependência de empregada e área de serviço.

na empresa. O conjunto formado pelo chalé e pelas nove casas apresenta variedade de estilos — que vão do eclético ao moderno — denunciando suas construções em momentos diferenciados. Para os operários, a fábrica ergueu — provavelmente por volta de 1950 — um grupo de casas na extremidade norte de seus terrenos. São moradias geminadas duas a duas⁷, enquanto as esquinas são ocupadas por casas maiores em forma de chalé. Nos anos 1950, a fábrica criou ainda no bairro de Campo Grande um conjunto de casas projetado pelo arquiteto português Delfim Amorim, que reunia um bloco de casas duplex e um grupo de residências isoladas.

As décadas de 1930 e 1940 foram o período de mais intensa construção de vilas operárias no Recife, no qual vilas fundadas anteriormente — como a Santa Luzia e a da Fábrica Taçaruna — se expandiram, enquanto cinco outras foram criadas.

A segunda maior vila operária construída na cidade foi a chamada Vila Tecelagem ou Vila do Pombal, da Tecelagem de Seda e Algodão de Pernambuco, fábrica fundada em 1926. A indústria instalou-se no bairro da Boa Vista, em terreno que incluía a antiga residência do Visconde de Suassuna, na qual instalou seus escritórios. Construiu um grande conjunto de moradias que na realidade configura duas vilas distintas somando cerca de 350 casas: uma situada nas suas imediações e outra em área próxima localizada no bairro de Santo Amaro⁸. A empresa criou ainda serviço médico, creche e escola — localizados junto à fábrica — e um clube de futebol — o Íbis — com sede na vila operária de Santo Amaro. As casas maiores situavam-se na Avenida Visconde de Suassuna, junto às instalações fabris, ao lado das quais havia ainda moradias térreas — bangalôs ou dispostas em blocos — dotadas de jardins, destinadas a operários qualificados⁹. As demais moradias dispunham-se numa grande quadra no bairro de

7 São dotadas de jardim, quintal, sala, dois quartos, cozinha e sanitário.

8 Essas vilas foram construídas durante as décadas de 1930 e 1940: em 1937 havia 8 casas habitadas e 56 em construção; em 1939 havia 100 casas construídas; em 1941 eram 126 casas; e, em 1943, 154 casas. Nos anos seguintes, a vila se ampliaria, atingindo 347 casas em 1951. O aluguel era descontado no salário do operário, enquanto as despesas com luz, água e IPTU eram arcadas pela fábrica.

9 As casas isoladas eram dotadas de sala, terraço, três quartos, sanitário, cozinha, área de serviços e dependências para empregados.

Santo Amaro, onde as casas maiores eram bangalôs geminados dois a dois ou dispostos em blocos de quatro e as demais dispostas em blocos mais longos¹⁰. No seu conjunto, as moradias erguidas por essa fábrica apresentavam grande diversidade em termos de tamanho, padrão de construção e forma. Havia casas cercadas de jardins, geminadas duas a duas, dispostas em blocos e casas amplas de dois andares. O tratamento formal das casas se simplificava à medida que o tamanho diminuía e elas se afastavam geograficamente da fábrica.

Provavelmente a mais notável vila operária do Recife em termos urbanísticos e arquitetônicos foi a construída no bairro de Apipucos pelo Contonificio Othon Bezerra de Mello, fundado em 1895. A intenção de erguer essa vila operária foi anunciada em 1928, em matéria na *Revista da Cidade*:

O nosso presidente não se tem descurado dos que aqui trabalham. Por intermédio da Associação Beneficente dos Operários, vê que ele cuida com carinho máximo, mantém a Fábrica uma escola primária com frequência diária de 50 alunos e serviços de assistência médica e dentária, nada faltando assim ao nosso operariado. E em estudos, para objetivação breve, temos um amplo cinema, um barracão para venda de gêneros de primeira necessidade aos preços de custo, uma creche, a construção de 100 casas para operários, dedicando o nosso presidente, assim, ao bem-estar e ao conforto dos nossos companheiros de trabalho, a máxima solicitude. (*Revista da Cidade*, 1928).

A construção da vila se estendeu pelas décadas de 1930 e 1940¹¹. Em levantamentos de campo realizados no local em 1996, foram localizadas cerca de 300 casas, além de duas escolas, igreja, clube, cinema, armazém de consumo e posto médico. Em 1939, as casas dessa vila eram definidas pela revista *Cidade Mauricéa* como “novas e modernas e higienicamente instaladas”. Essas moradias foram dispostas em blocos de duas, três, quatro, cinco, seis ou oito casas.

10 Uma rua reunia 28 casas geminadas duas a duas, dotadas de sala, terraço, três quartos, cozinha e sanitário. As demais casas tinham apenas dois quartos e se dispunham em blocos de duas, cinco, sete e até 19 casas.

11 Em 1941 noticiava-se a existência de 321 moradias e anunciava-se que a previsão era atingir 521 casas. Em 1951, publicação do Serviço Social Contra o Mocambo indicava um total de 666 moradias construídas nessa vila.

Algumas tinham cobertas de duas águas com cumeeira paralela à rua, outras tinham cobertas em quatro águas e eram geminadas duas a duas¹².

A Fábrica Iolanda, instalada no bairro do Jiquiá em 1925, iniciou em 1941 a construção da Vila Iolanda. Nesse ano foram construídas 24 casas e se previa a construção de mais 30. A vila, entretanto, superou em muito essa previsão inicial. Em 1951, publicação do Serviço Social Contra o Mocambo indicava um total de 120 moradias construídas nessa vila. Posteriormente, novas moradias foram erguidas, totalizando cerca de 145 casas, além de um clube. Essas residências se dispunham em quadras com traçado mais ou menos ortogonal, em terreno situado ao lado da fábrica. Havia dez bangalôs iguais geminados dois a dois, com seus telhados de quatro águas com telha francesa e jardins. As demais moradias compunham blocos, cujo número de casas variava de três a nove¹³. Eram moradias com fachadas de porta e janela, com eventual terraço, que incluíam pequenos vãos gradeados.

Outras vilas operárias de dimensões menores foram criadas na cidade na década de 1940. A empresa Grandes Moinhos do Brasil S.A. construiu, em 1941, um conjunto de 66 bangalôs para residência de seus funcionários. Outra pequena vila operária com oito casas dispostas em bloco foi criada em 1949, no bairro da Torre, pelo Cotonifício Capibaribe¹⁴.

ARQUITETURA E URBANISMO DAS VILAS RECIFENSES

Nas vilas operárias recifenses são encontrados prédios que podem ser associados a diversas tendências da arquitetura — neoclássica,

¹² Essas casas incluíam terraço, sala, dois quartos, cozinha, sanitário (externo) e quintal.

¹³ As habitações maiores eram dotadas de terraço, sala, dois quartos, cozinha e sanitário; as de tamanho intermediário tinham sala, dois quartos, cozinha e sanitário; as casas menores incluíam sala, quarto, cozinha e sanitário. Todas tinham quintal e quase todas — exceto as menores — tinham jardins.

¹⁴ As casas eram destinadas a operários que se pretendia manter à disposição em tempo integral, como motoristas. Eram moradias com uma mesma disposição de planta baixa que incluía jardim, terraço, sala, três quartos, cozinha, sanitário e quintal.

eclética, missões, Art Déco e moderna. Na grande maioria dos casos, entretanto, as construções presentes nessas vilas expressam uma arquitetura despojada de referências estilísticas e de ornatos, cuja forma reduzida aos elementos construtivos essenciais pode ser vinculada aos requisitos de utilidade e economia que regem o universo industrial.

Nas primeiras vilas operárias erguidas na cidade surgem exemplares inspirados em modelos tradicionais brasileiros de moradia urbana. São casas térreas de porta e janela, dispostas em renque, desprovidas de recuos frontais ou laterais. Os telhados em duas águas têm a cumeeira perpendicular à rua e são cobertos com telhas cerâmicas do tipo canal ou francesa. Geralmente eram dotadas de platibandas — como nas casas da Fundação Vesúvio e da Fábrica de Aninhagem —, mas podiam surgir com beirais — como na vila operária do Cotonifício Othon Bezerra de Mello.

As construções da Fundação Vesúvio — fábrica, casa do industrial e vila operária —, erguidas no final do século XIX, incorporam elementos da linguagem clássica: as casas semelhantes para operários têm entablamento, cercaduras e platibanda; enquanto o sobrado do industrial tem uma composição de fachada simétrica, dotada de pilastras, cornija, cercaduras, frontão dotado de óculo e platibanda (Figura 1). Exemplos de arquitetura de viés eclético são algumas das casas e a escola da Vila Santa Luzia, erguida provavelmente na década de 1920, cuja fachada era profusamente decorada por cornija, frontão, ornatos em alto relevo e pináculos (Figura 2).

Os chalés que povoaram a paisagem dos subúrbios brasileiros na virada do século XX, com seus apelos ao pitoresco e ao bucólico, encontraram expressão na casa do gerente da Fábrica Tacaruna, onde surge como símbolo de conforto e bem-estar, demarcando, em meio às pequenas casas para operários, um padrão de moradia diferenciado, com seu jardim e ampla varanda (Figura 3). O bangalô, outra tipologia solidária com a estética do pitoresco e que se difundiu no Brasil, sobretudo, durante as décadas de 1930 e de 1940, sinalizando para o aumento da influência norte-americana

Figura 1: Vila operária da Fundação Vesúvio.



Foto: Telma de B. Correia, 2008.

Figura 2: Escola e moradias na Vila Santa Luzia.



Fonte: Cidade Mauricéa, 1939.

Figura 3: Chalé do diretor da Fábrica Tacaruna.



Fonte: Cidade Mauricéa, 1939.

sobre o País e sua arquitetura, foi uma tipologia usual nessas vilas, seja em versões despojadas ou fazendo menções ao estilo Missões, como ocorreu nos bangalôs de dois pavimentos erguidos pela Tecelagem de Seda na Avenida Suassuna e no destinado ao gerente do Contonifício Othon Bezerra de Mello, em cuja vila operária referências ao Missões também podem ser assinaladas nos prédios da escola, do posto médico e do lactário (Figura 4).

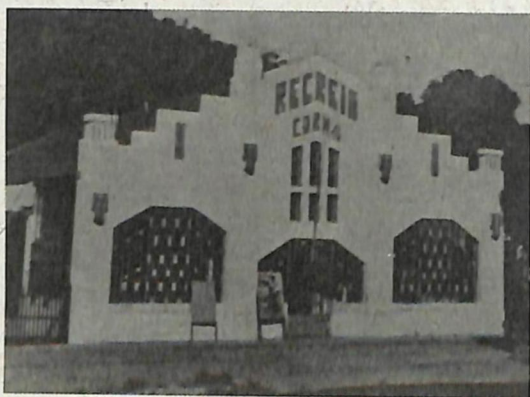
Figura 4: Escola na vila do Cotonifício Othon Bezerra de Mello.



Foto: Philip Gunn, 2000.

Para abrigar o clube da vila operária do Cotonifício Othon Bezerra de Mello, foi erguida uma extravagante construção de viés *Art Déco*, cuja fachada ostenta frontão escalonado e vãos com forma hexagonal (Figura 5). Em termos arquitetônicos, a igreja dessa vila operária – construída na década de 1940 – mostra-se notável, sobretudo pelo uso de ornatos cujos temas remetem ao mundo das máquinas (Figura 6). Trata-se de uma igreja ampla, cuja fachada de linhas vagamente inspiradas no estilo românico é quase destituída

Figura 5: Clube da vila do Cotonifício Othon Bezerra de Mello.



Fonte: Cidade Mauricéa, 1939.

Figura 6: Igreja da vila do Cotonifício Othon Bezerra de Mello.

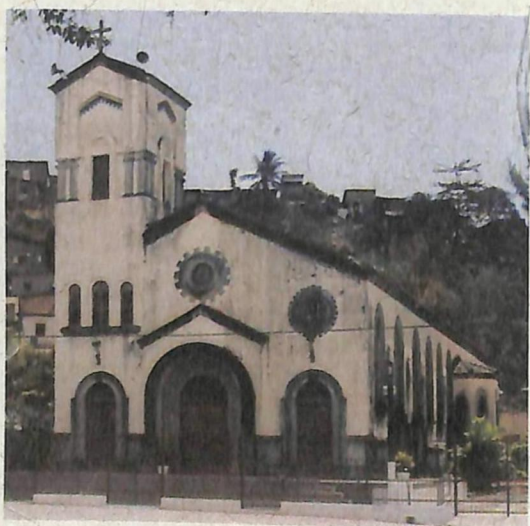


Foto: Philip Gunn, 2000.

de ornatos. O que surpreende nela são os dois óculos, cujos desenhos inspiram-se na forma de engrenagens industriais (CORREIA, 2011).

A arquitetura moderna revela-se em grupos de moradias destinadas a funcionários graduados, como as 12 casas destinadas a gerentes na Vila Santa Luzia (Figura 7) e o conjunto de casas projetado pelo arquiteto Delfim Amorim para a Fábrica Tacaruna (Figura 8). O último é um exemplo notável de arquitetura moderna, com qualidades excepcionais do ponto de vista plástico, construtivo e

Figura 7: Casas para gerentes na Vila Santa Luzia.



Foto: Telma de B. Correia, 2003.

Figura 8: Casas da Fábrica de Tecidos Tacaruna.



Foto: Telma de B. Correia, 2003.

funcional¹⁵. Trata-se de um exemplar de vila operária excepcional pelas qualidades arquitetônicas e pelo alto padrão de construção¹⁶.

Entretanto, nas vilas operárias recifenses o padrão de moradia que se generalizou é o de pequenas casas térreas; dispostas isoladas, geminadas ou em blocos; destituídas de ornatos; construídas em alvenaria de tijolos; cobertas com telhas cerâmicas do tipo francesa; dotadas de portas e janelas com vidros e venezianas; e com programa composto de uma ou duas salas, dois ou três quartos, cozinha, sanitário, quintal e eventual terraço. No seu absoluto despojamento de ornatos ou de qualquer pretensão de ordem formal, essa tipologia habitacional não é identificada com qualquer estilo ou movimento arquitetônico. É um padrão básico que se fixou em escala nacional como decorrência de demandas de higiene, conforto e economia. Embora simples, esse modelo de habitação trouxe para a casa do trabalhador brasileiro inovações importantes em termos de materiais e de agenciamento dos espaços. Rompeu com os modelos de habitação operária anteriores ao prover ambientes claros e dotados de instalações sanitárias modernas. Nos modelos mais “sofisticados” esse padrão adota a forma de pequenos bangalôs, com seus terraços e jardins (Figuras 9 e 10).

Em um padrão intermediário, o bangalô surge geminado ou em blocos, tendo, nos modelos mais simplificados, o terraço reduzido a um pórtico (Figuras 11, 12, 13 e 14).

Nos modelos mais simples, esse padrão surge na forma de blocos de moradias de porta e janela (Figuras 15, 16, 17 e 18).

¹⁵ São casas amplas com sala espaçosa, garagem, três quartos, alpendre, depósito, cozinha, sanitários, lavanderia e dependência para empregada. Algumas incluem ainda escritório e copa. A fachada voltada para o poente – pela qual se tem acesso da rua ao interior da casa – apresenta algumas superfícies contínuas de cobogós, interrompidas apenas por elementos estruturais e esquadrias. Os ambientes de maior permanência – quartos, sala e escritório – foram dispostos junto à fachada nascente que se abre para um jardim no fundo do lote. Essa fachada é demarcada por amplos vãos envidraçados e por abóbadas de berço formando alpendres.

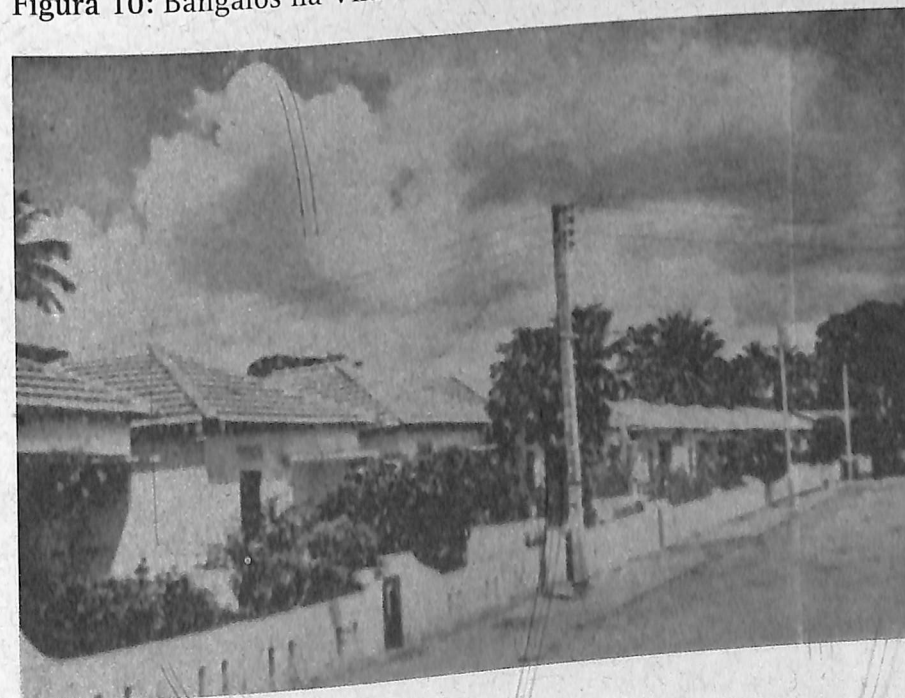
¹⁶ Há informações – que não conseguimos confirmar – de que o conjunto de moradias de propriedade da Fábrica Tacaruna teria sido muito superior às cerca de 65 casas remanescentes, tendo atingido aproximadamente 300 moradias.

Figura 9: Bangalôs na Vila do Pombal.



Fonte: Guia Social do Recife, 1943.

Figura 10: Bangalôs na Vila do Moinho Recife.



Fonte: Guia Social do Recife, 1943.

Figura 11: Bangalôs na Vila Iolanda.



Fonte: Guia Social do Recife, 1943.

Figura 12: Bangalô na Vila do Pombal.

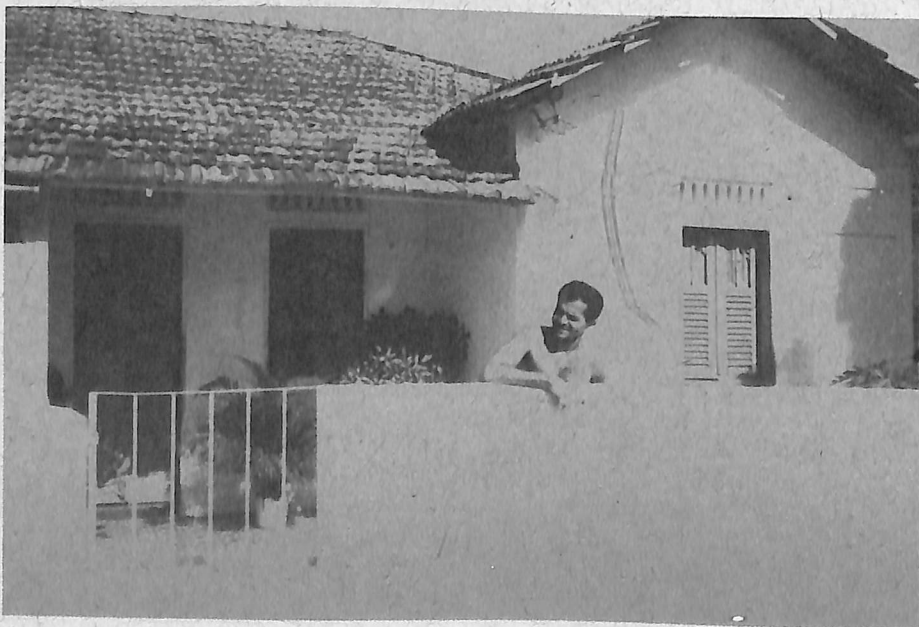


Foto: Telma de B. Correia, 1996.

Figura 13: Bangalôs na Vila Santa Luzia.



Fonte: Guia Social do Recife, 1943.

Figura 14: Bangalôs na vila do Cotonifício Othon Bezerra de Mello.



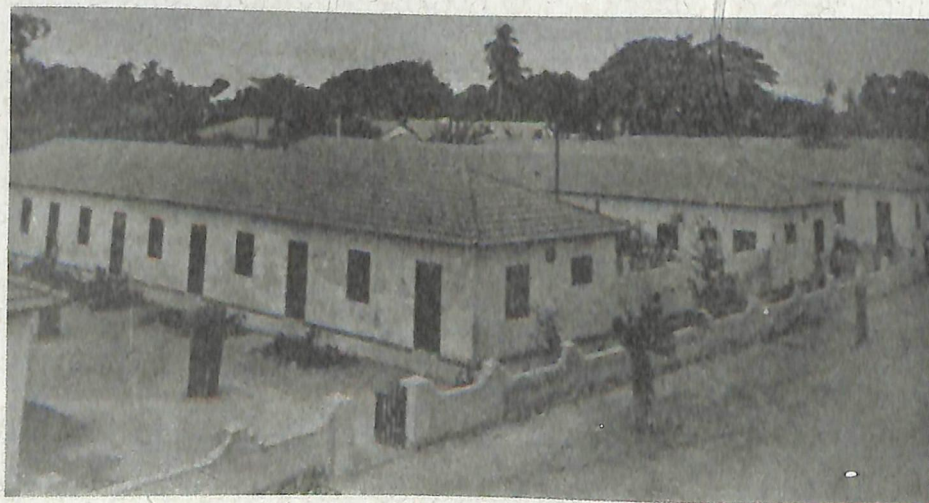
Fonte: Guia Social do Recife, 1943.

Figura 15: Bloco de casas na Vila Iolanda.



Foto: Philip Gunn, 1996.

Figura 16: Blocos de casas na Vila do Pombal.



Fonte: Cidade Mauricéa, 1939.

Figura 17: Blocos de casas na Vila Santa Luzia.



Fonte: Guia Social do Recife, 1943.

Figura 18: Blocos de casas na vila do Cottonificio Othon Bezerra de Mello.



Fonte: Guia Social do Recife, 1943.

O prédio do lactário da Vila Santa Luzia, inaugurado em 1932, era uma construção cercada de jardins, com telhado de quatro águas, sem ornatos, nem platibanda, e assinalava a emergência dessa nova racionalidade na forma de construir.

Do ponto de vista urbanístico, a vila do Contonificio Othon Bezerra de Mello revela um plano com qualidades. Ao longo de uma das margens de uma via sinuosa foram construídas as casas do gerente e do proprietário, algumas casas para operários, a fábrica, o armazém de consumo e o clube. Deslocando-se um pouco dessa via, a vila operária foi edificada de forma claramente planejada, constituindo uma malha ortogonal de ruas, estruturada por uma via mais larga com canal, que converge para uma praça circular implantada no centro da vila. O espaço ocupado pela praça amolda-se ao sítio, assumindo forma circular e ocupando um local excepcional: no centro geográfico da vila; no eixo do canal junto ao qual se estende uma rua larga e arborizada que, com a praça, origina um conjunto integrado; e em um local que contrasta com a área plana ocupada pelas casas pela existência de pequena elevação, a qual, situada em uma das extremidades da praça, foi apropriada para a localização de uma escola, ampliando a monumentalidade da construção. Essa malha composta por ruas retas – paralelas e perpendiculares – atende a requisitos de economia, enquanto a praça é norteada pela busca de um espaço representativo, cuja ênfase deriva de uma articulação entre arquitetura e paisagismo que se aproxima dos procedimentos projetuais difundidos no âmbito do movimento City Beautiful. Os prédios concentrados na praça – igreja e escola – são significativos pelo uso coletivo, pelo tamanho e tratamento formal mais apurado que os demais existentes na vila. Não se pretende aqui equiparar o urbanismo modesto dessa vila operária com os espaços grandiosos em termos de escala e monumentalidade gerados no âmbito do movimento City Beautiful. Entretanto, é possível estabelecer uma aproximação em termos de objetivos – criar um espaço representativo – e de ferramentas de projeto – concentrar os exemplares mais expressivos de arquitetura e promover uma junção entre eles e o paisagismo em um espaço de uso prioritariamente coletivo (CORREIA, 2011).

IMPACTOS E DECLÍNIO DO MODELO DE MORADIA

As cerca de 1.650 moradias das nove vilas operárias tratadas neste artigo indicam que essa modalidade de habitação operária pode ser considerada significativa no Recife de meados do século XX. Foi, entretanto, no interior do Estado que o fenômeno mostrou-se mais relevante, ocorrendo em áreas rurais e cidades situadas na Zona da Mata e no Agreste. Entre esses grupos de moradias, há pequenas vilas operárias e grandes núcleos fabris. No total, foram localizados 16 grupos de casas no interior do Estado, somando cerca de 9.500 habitações criadas por fábricas. Vale assinalar que, além de fábricas, as usinas de açúcar também construíram uma ampla quantidade de moradias para os seus empregados em Pernambuco. Todas as usinas construíram grupos de casas, tanto para os trabalhadores empregados nas atividades industriais como para os envolvidos no trabalho agrícola. Além de casas em número bastante significativo, ergueram escolas, capelas, armazéns de consumo e outros equipamentos coletivos em seus núcleos residenciais. A edificação de casas nas usinas começou ainda no século XIX e se prolongou pelo século XX, inclusive estimulada pelo poder público durante a década de 1940. O Relatório da Liga Social Contra o Mocambo de 1942 informava que em 30 meses – entre 1939 e 1942 – as usinas de açúcar de Pernambuco haviam construído 2.662 casas para os seus trabalhadores (1942, p. 15).

Em localidades rurais nas imediações do Recife, vários núcleos fabris foram criados. Paulista foi o mais importante deles pelo seu tamanho e relevância política e econômica. Expandiu-se paulatinamente de fins do século XIX ao início da década de 1950, quando atingiu seu limite de crescimento. Com suas mais de 6.000 casas – além de igreja, parque, cinema, clínica, teatro, escolas e clube –, foi um núcleo fabril excepcionalmente grande em termos nacionais e internacionais. Um núcleo fabril extremamente importante para a história do trabalho, da indústria e do pensamento social católico no Brasil foi Camaragibe, fundado em 1891. Reuniu armazém, padaria, escolas, consultório médico e, em fins da década de 1930, cerca de 500 casas e dois alojamentos para solteiros. Outro grande núcleo

fabril foi Moreno, criado pela Société Cotonnière Belge-Brésilienne, empresa de origem belga instalada em Pernambuco a partir de 1908. Em 1939, Moreno reunia cerca de 1.300 casas, igreja, consultório médico, creche, clube e várias escolas. Sua organização urbana traz elementos de grande interesse, sobretudo pela ação de profissionais belgas que conceberam e implantaram planos e projetos de arquitetura e urbanismo. O núcleo fabril de Pontezinha, criado ainda no século XIX, pela Pernambuco Power Factory é relevante por ser o primeiro criado no Estado, por manter-se bem preservado e pelos vínculos formais entre suas moradias e formas que remontam ao período colonial. Entre suas 180 casas, as construídas no século XIX são moradias de porta e janela, dispostas em blocos, cujo elemento de maior interesse é o alpendre que percorre as fachadas, remetendo às antigas senzalas de engenhos.

Nas décadas de 1940 e 1950, outros núcleos (de menores dimensões) surgiram. No município de Paulista, um núcleo fabril – Vila Poty – foi erguido na década de 1940 pela Companhia de Cimento Portland Poty, do Grupo Votorantim, reunindo cerca de 150 casas, clube, cinema, igreja, escola, praça, refeitório e posto de saúde.

Na década de 1950, o Grupo Votorantim criou outro núcleo fabril – a chamada Vila Araripe – no município de Igarassu, vinculado à Companhia Agro Industrial de Igarassu, que contou com cerca de 100 casas, clube, igreja católica, ambulatório, escola, praça e supermercado.

Outro núcleo fabril erguido em meados do século XX em Pernambuco foi Itapessoca, criado pela Fábrica de Cimentos Nassau, situado em uma ilha – explicitando o desejo de isolamento que rege essas formas urbanas –, reunindo dezenas de casas, ambulatório, igreja, quadra de esportes, mercadinho e clube.

Vilas operárias foram criadas em cidades do interior do Estado. Em Igarassu, a fábrica Fibras Nordeste Ltda. construiu uma pequena vila operária com 18 casas e um clube/refeitório. Na cidade de Pesqueira, as indústrias Tigre, Rosa e Peixe –fabricantes de

alimentos – ergueram vilas operárias. A fábrica da Tigre construiu na década de 1910 um grupo de 21 moradias situadas ao lado de suas instalações. A Fábrica Peixe ergueu no município algumas vilas operárias e uma escola. A Fábrica Rosa construiu um grupo de 12 casas, às quais somou outras que adquiriu da fábrica da Tigre. O Cotonifício José Rufino, na cidade do Cabo, contava em 1941 com uma vila com 20 casas, escola e posto médico. A Fiação e Tecelagem de Timbaúba ergueu nessa cidade 60 casas para alojar seus operários. A Companhia Industrial Pirapama criou na cidade de Escada uma vila com 152 casas, escola e clube. Um exemplo raro de vila construída por indústria; posteriormente, foram as 12 casas destinadas a engenheiros e chefes, construídas na cidade de Belo Jardim pela Fábrica de Acumuladores Moura, a partir de 1988.

Em termos arquitetônicos, uma vila operária excepcional erguida em Pernambuco foi a da Companhia Industrial Fiação e Tecidos de Goyanna, em Goiana. Trata-se de um dos mais notáveis conjuntos arquitetônicos *Art Déco* entre os erguidos por fábricas no Brasil. Foi construído na segunda metade da década de 1930 e durante a década seguinte. Era um conjunto arquitetônico de amplas dimensões, forte unidade e raras qualidades arquitetônicas. Reunia instalações fabris, uma extensa vila operária que atingiu 472 moradias, casas para funcionários especializados, sorveteria e a casa do proprietário com cinema. Nele, o vocabulário *Art Déco* surge simplificado, solidarizando-se com o utilitarismo fabril e com a busca de um efeito de unidade no conjunto. Os temas *Art Déco* se expressam nas linhas geométricas das fachadas, em frontões escalonados e na eventual adoção de superfícies curvas. A vila estende-se ao longo dos dois lados de uma rua e espalha-se por ruas contíguas, mantendo sempre suas características arquitetônicas básicas. A residência do industrial é, sem dúvida, o aspecto surpreendente e inusitado do lugar, adotando forma e programa com características inovadoras. Trata-se de uma edificação que subverte as relações entre público e privado e entre exterior e interior, além de avançar no sentido de construção de uma arquitetura solidária com o clima tropical. Reúne em um único espaço a moradia do industrial, um amplo cinema e um parque. Tem cerca de 4 mil m² de área não construída e 1.650 m² de área construída. Sua construção adota múltiplos

recursos no sentido de adequá-la ao clima tropical: grandes painéis de elementos vazados, galeria protegendo a fachada frontal, salões desprovidos de janelas e permanentemente abertos para os jardins internos, bandeiras gradeadas sobre as portas, paredes revestidas com azulejos (inclusive nas áreas sociais), piso de mosaico e janelas com venezianas (CORREIA, 2008).

A construção de vilas e núcleos fabris praticamente foi suspensa no interior do Estado de Pernambuco – segundo nossos registros – depois da década de 1950. Identificou-se apenas uma vila construída na década de 1960 e outra na década de 1980. A partir da década de 1960, não temos registro da construção ou ampliação de vilas operárias no Recife. Trata-se, portanto, de um fenômeno específico a uma fase do processo de industrialização e de urbanização, caracterizado pela mobilização e formação de mão de obra pela indústria e pela difusão de um novo modelo de hábitat operário. Embora restrito a um arco temporal bem delimitado, o fenômeno teve profundos impactos, tanto pela relevância numérica das cerca de 11 mil moradias criadas por fábricas em Pernambuco quanto pelo seu impacto na urbanização e difusão de formas de morar, tipologias residenciais e estilos arquitetônicos.

Durante os cerca de 50 anos nos quais a ação da indústria na construção de vilas e núcleos fabris teve lugar, marcas profundas foram impressas na paisagem pernambucana. Em termos de moradia, novos modelos de casas econômicas e higiênicas foram propagados. Do ponto de vista da Arquitetura, esses conjuntos difundiram tipologias como os bangalôs e estilos como o *Art Déco*, o Missões, a arquitetura moderna e, sobretudo, um padrão de casa econômica, higiênica e desprovida de ornatos. Geraram construções de rara qualidade como o conjunto de moradias duplex da Fábrica Tacaruna e de inusitadas características como a casa do industrial em Goiana. Produziram formas urbanas expressivas como a vila operária do Contonificio Othon Bezerra de Mello, enquanto Paulista, Moreno e Camaragibe converteram-se em cidades, testemunhando a ação relevante da indústria na urbanização e na transformação do território.

REFERÊNCIAS

- A Fábrica Tacaruna agasalha todo o Nordeste. *Cidade Mauricéa*. Anno II, N.15. Recife, julho de 1939.
- A marca symbolica da maior industria do norte do Brasil em tecidos de sêda. *Cidade Mauricéa*. Anno II, N.6, Recife, junho de 1937.
- Album de Pernambuco – Obra de Propaganda Geral*. Editor Proprietário: José Coelho. Rio de Janeiro, Pimenta de Mello & Comp., 1919.
- Companhia Fiação e Tecidos de Pernambuco S.A. *Cidade Mauricéa*. Anno II, N.15. Recife, julho de 1939.
- Companhia Fiação e Tecidos. *Verde, Revista de Atualidades*, Ano I, N.3. Recife, 1932.
- CORREIA, Telma de Barros. *Art déco e Indústria, Brasil décadas de 1930 e 1940. Anais do Museu Paulista*, V. 16, N. 2, jul-dez 2008, pp. 47-104.
- CORREIA, Telma de Barros. Ornato e Despojamento no Mundo Fabril. *Anais do Museu Paulista*, V. 19, N. 1, jun 2011, pp. 11-80.
- CORREIA, Telma de Barros. *Pedra: plano e cotidiano operário no Sertão*. Campinas, Ed. Papius, 1998. 320 p.
- Cotonificio Othon Bezerra de Mello, S.A. *Cidade Mauricéa*. Anno II, N.15. Recife, julho de 1939.
- Exposição Industrial: Fábricas de Tecidos. *Gazeta de Notícias*, 23 nov. 1895.
- Guia Social do Recife*. Recife, Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, 1943.
- Recife Industrial, *Roccas*, Anno 1, N. 1, Recife, dez. 1938.
- Relatório da Liga Social Contra o Mocambo*, julho de 1939 a julho de 1942. Recife, Imprensa Oficial, 1942.
- Relatório da Liga Social Contra o Mocambo*, julho de 1939 a julho de 1941. Recife, Imprensa Oficial, 1941.
- Revista da Cidade*. Anno 3, N.115, Recife, 1928.
- ROCHA, Limério Moreira da. *Usina Beltrão/Fábrica Tacaruna. Um século de existência*. Recife, Liber Gráfica Ed., 1991.
- Serviço Social Contra o Mocambo – Vilas Populares pelos bairros*. Recife, SSCM, 1951.
- Tecelagem de Seda e Algodão de Pernambuco, S.A. *Cidade Mauricéa*. Anno II, N.15. Recife, julho de 1939.